

A + B (22 set. 1886)

A. – Ora viva! Há que tempo que o não vejo!

B. – Estive doente; apanhei uma constipação.

A. – Eu, quando encontro alguma, deixo-a estar onde está; não me abaixo a apanhá-la.

B. – Pois bem; podia lá ter deixado também essa tolice. É um trocadilho que data do primeiro constipado, – talvez Adão; – pode ser que as primeiras folhas de figueira fossem tão somente uma camisa de flanela rudimentária... Enfim, você promete não dizer outra?

A. – Já vejo que você ainda está impertinente. Constipação malcurada. Vamos a saber, não leu nada? não sabe nada?

B. – Sei vagamente uma história de emendas que passaram no senado, e que provavelmente não passam na câmara. Que se há de fazer em tal caso?

A. – Fusão, naturalmente.

B. – Fusão? Explique-me isso pelo miúdo. Quer uma pastilha?

A. – Não, obrigado. Você há de saber que o sistema parlamentar, como todos os sistemas, deve ter uma definição. A melhor de todas (modéstia à parte) é a minha.

B. – Diga.

A. – Confusão das línguas, fusão dos votos. As línguas divergem, trabalham, confundem-se, daqui o hebraico, dali o caldaico; mas as línguas cessam, e falam então os votos. Trata-se no caso presente de uma confusão de línguas, início de uma fusão de votos, que acabará por uma difusão de pessoas.

B. – Sem trocadilho?

A. – Sem trocadilho.

B. – Mas o senado pode negar a fusão?

A. – Há opiniões, uns dizem que não, outros que sim, e este ponto depende dos partidos. Assim os liberais entendem que não se pode negar, os conservadores que sim.

Quando a maioria do senado for conservadora, nega; quando for liberal concede. Você vê que não há nada mais estável, mais definitivo que isto. Mais definitivo que isto só a morte; e ainda assim não sei.

B. – Mas agora?

A. – Agora é provável que haja fusão; demais, trata-se do orçamento, e aí está a finura da rejeição da emenda Correia. Orçamento ou revolução.

B. – Entendi; mas diga-me: não era melhor que, por meio de poderes especiais, se definisse bem esse ponto constitucional da fusão obrigatória ou facultativa?

A. – Upa! Você falou agora como um doutor. *Cabricias autem*, como diz o médico de Molière. Poderes especiais, ponto constitucional, fusão obrigatória ou facultativa... Mas você não vê que tudo isso é comprido, leva tempo, muito tempo, e que esta vida não chega a netos? Que haja alguma dificuldade grave em 1914, por causa desse ponto, é possível; mas que temos nós com 1914? Há de haver gente em 1914. Ou você crê que tudo acaba em 1913?

B. – Não.

A. – Logo...

B. – E de eleição de senadores como vamos? Creio que é no dia 7 de outubro. Nada de chapa liberal?

A. – Como não? Já está organizada; aqui está ela.

B. – Queixavam-se de que o nosso Otaviano não queria organizar nada; mas afinal parece...

A. – Parece o quê?

B. – Que Alexandre deixou a tenda e tomou o comando das forças dispersas.

A. – Não, senhor; Alexandre é mais fino; abdicou o império...

B. – Em quem?

A. – Não designou nomes; fez como o macedônio, deixou-o *ei qui esset optimus*; e não houve briga pela definição. *Optimus* apareceu, reuniu, presidiu e concluiu. Dê cá uma pastilha.

B. – Tome lá duas.

JOÃO DAS REGRAS [MACHADO DE ASSIS]
[*Gazeta de Notícias*, p. 1, 22 set. 1886]
Editores: Gilson Santos e José Américo Miranda